

Relações raciais no cotidiano escolar: dizeres de alunos de duas escolas públicas municipais de Cuiabá

Malsete Arestides Santana¹

Maria Lúcia Rodrigues Müller²

Resumo

O artigo apresenta dados de uma pesquisa qualitativa, tendo como métodos a observação e o grupo focal. Analisa as relações raciais no cotidiano escolar na percepção de alunos de duas escolas municipais de Cuiabá. Os resultados sinalizam para a existência de discriminação racial nas relações raciais entre os alunos. Pôde-se verificar que a falta de trabalhos acerca das relações raciais na escola leva muitos alunos negros a serem vitimizados, ocasionando até mesmo a autonegação de sua identidade.

Palavras-chave: discriminação racial; cotidiano escolar; alunos

Summary

The article presents given of a qualitative research, having as methods the comment and the focal group. It analyzes the racial relations in the daily pertaining to school in the perception of pupils of two municipal schools of Cuiabá. The results signal for the existence of racial discrimination in the racial relations between the pupils. It could be verified that the lack of works concerning the racial relations in the school takes many black pupils to be vitimizados, causing even though the autonegação of its identity.

Word-key: racial discrimination; daily pertaining to school; pupils

¹ Mestre em educação pela Universidade Federal de Mato Grosso. malsete@ibest.com.br

² Pós- doutora em educação pela Universidade Federal Fluminense, UFF, Brasil. mlrmuller@gmail.com

Relações raciais no cotidiano escolar: dizeres de alunos de duas escolas públicas municipais de Cuiabá

O objetivo deste artigo é trazer algumas situações de discriminação racial dos alunos nas relações raciais no contexto escolar por meio das quais é possível compreender como estes alunos lidam com a discriminação racial e como esta marca as suas relações na escola. Este artigo apresenta resultado de parte de pesquisa de mestrado sob a orientação da pro.Dra^a Lúcia Müller.³

Situações de discriminação racial no espaço escolar são freqüentes e ocorrem na presença de professores, coordenadores e diretores, sem que esses muitas vezes tomem atitudes. Geralmente os apelidos pejorativos são relacionados à cor da pele ou cabelo.

A discriminação racial é uma ação, uma manifestação de comportamento, ato, que prejudica determinada pessoa ou grupo de pessoas em razão de sua raça/cor (BEGHIN e JACCOUD, 2002). Impedir uma pessoa negra de ocupar uma posição de destaque no mercado de trabalho por motivos injustificáveis é um exemplo de discriminação racial.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que a discriminação tem o sentido de separar, distinguir, estabelecer diferenças, segregar. Traduz-se em ações negativas concretas, em práticas individuais e institucionais que violam os direitos sociais e humanos e a igualdade de tratamento, com base em critérios pré-estabelecidos, de forma singela ou não (GONÇALVES, 1987).

³ Mestrado realizado no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso, defendido em março de 2012 com o título "Relações Raciais no cotidiano escolar: percepções de diretoras e alunos de duas escolas municipais de Cuiabá.

O caminho percorrido

Foi realizado grupo focal com os alunos das turmas do 3º ao 6º anos, eles falaram sobre as situações de discriminação racial vivenciadas no cotidiano escolar. Esse grupo focal foi realizado nas Escolas A e B com 05 grupos, sendo 04 grupos com 10 alunos e um grupo com 08 alunos, no período matutino. A princípio seriam 05 grupos com 10 alunos, mas um grupo foi composto por 08 alunos porque os responsáveis não autorizaram a participação dos seus filhos na pesquisa.

No dia marcado e no momento da realização do grupo focal foi feita uma breve explicação aos alunos e começamos os trabalhos. Foram feitas duas perguntas: a) Vocês sabem o que é discriminação? b) Vocês já sofreram alguma discriminação na escola? Conte como aconteceu?

Com as respostas dos alunos sobre discriminação racial, o que se compreende é que ela perpassa a vida desses alunos no espaço escolar e em outros que ultrapassam esse contexto, ou seja, na comunidade. No início, ninguém falou sobre o assunto. Quando perguntava se alguém já passou por situações de discriminação, a princípio os alunos negavam. Após um tempo de conversa, começaram a falar das situações de discriminação vivenciadas por outras pessoas, colegas, parentes.

Professora, eu sei o que é discriminar [...] um dia a professora foi trabalhar sobre escravos, foi uma bagunça, os alunos começaram a rir e falar que a B. era escrava, preta tinha que apanhar. A professora mandou parar, ela chorou. (Aluno negro, 5º ano, Escola A).

[...] tem um guri, professora, na sala, ele fala para o outro, o L. que ele é macaco, e ele fica quieto, fosse eu batia nele, a tia deixa. (Aluno negro, 6º ano, Escola A).

Professora, eu acho que discriminar é colocar apelido, xingar o outro de preto, fedido. Tem um guri lá perto de casa que fala que preto é macaco, fedido, sujo. (Aluno negro, 4º ano, Escola A).

Minha avó não gosta de preto, ela fala que preto é bagunceiro, preguiçoso ela é racista. (Aluna negra, 6º ano B, Escola A).

O que se observa é que os alunos têm consciência da discriminação racial presente nas relações. Alguns alunos falam sobre as situações de discriminação decorrentes das suas próprias experiências.

[...] eu não gosto que eles falam que eu sou biscoito torrado, carvão, eu brigo com eles, na hora do lanche eles ficam me perturbando. A coordenadora foi na sala e pediu para eles pararem, mas eles continuam me chamando por apelido. (Aluna negra 5º ano A, Escola A).

[...] o C. fica falando que eu sou preto, macaco, eu falei para a tia, ela não fala nada. (Aluno negro 3º ano A, Escola B).

[...] o tia, A. falou que eu sou feia, bruxa, ela não brinca comigo, na educação física ela não brinca de roda comigo. (Aluna negra do 3º ano, Escola B)

O depoimento de um aluno negro me chamou a atenção, ele disse que não sofre discriminação, que na escola não há discriminação. Os colegas insistiam para ele dizer que sofre discriminação:

[...] eu não sinto nada, eu não ligo, eu não acho que é discriminação, meu irmão é branco, porque meu padrasto é branco, minha mãe é morena, eu sou moreno. Eu não sou preto. Eu sou mais claro do que o W., eu acho que ele é preto. (Aluno negro, 6º ano B, Escola A).

Esse aluno estava sempre sozinho, era muito calado, não participava das brincadeiras, comemoração e, poucas vezes, conversava com outros alunos. O silêncio denuncia situação de discriminação. Esse aluno pode estar passando por um processo de internalização de estigma de ser negro. É como se o aluno vivenciasse um ostracismo a ele imposto, como nos traz Elias e Scotson (2000), quando se referem à internalização dos estereótipos pelos *outsiders*, imputados pelo grupo estabelecido. Segundo esses teóricos, a estigmatização a que os indivíduos são submetidos faz com que se “sintam, eles mesmos, carentes de virtudes, julgando-se humanamente inferiores” (2000, p. 20).

Havia outros alunos negros também isolados nos espaço da escola, no momento do recreio, nas aulas de educação física, estavam sempre sozinhos; também percebi que alguns alunos não saiam da sala no recreio. O

isolamento desses alunos no contexto escolar é gerado por um sentimento de inferioridade decorrente da interiorização de estereótipos negativos acerca da imagem do negro que circulam nos ambientes de convivência desses sujeitos.

O mito da democracia racial no Brasil traz a idéia de que neste país há uma relação harmônica entre as pessoas, isto é, não há preconceito nesta sociedade. Para D' Adesky (2005, p. 174), numa sociedade em que a idéia de cordialidade é disseminada, na qual o mito da democracia racial persiste como um ideal, a ausência de conflitos é uma norma de comportamento. Como também nos assinala Gomes (2001, p.92) “[...] o racismo no Brasil é um caso complexo e singular, pois ele se afirma pela sua própria negação. [...] mas mantém-se presente no sistema de valores que regem o comportamento de nossa sociedade”.

Nas falas dos alunos, alguns casos exemplificam situações de discriminação nas relações entre eles.

[...] tia, no trabalho em grupo a G. e P. não quer sentar com a A. nem com a M. fala que ela é preta. (Aluno negro do 3º ano B, Escola A).

[...] o W. fica me chamando de preta, fedida, a professora não fala nada (5º ano A)

De acordo com Silva (2001), “as pessoas agem com preconceito, desenvolvem crenças simplificadas sobre as minorias, essas crenças simplificadas são o que chamamos de estereótipos e nesse sentido eles podem produzir preconceitos”. Compartilhando com essa afirmação, Fazzi (2004) diz que a discriminação, por sua vez, é o aspecto comportamental do preconceito e, no que diz respeito ao preconceito racial, abrange relações de exploração, comportamento competitivo, agressão e comportamento de evitação.

A percepção da discriminação racial pelos alunos, evidenciada nas entrevistas, leva a concluir que o mito da democracia racial não vigora no contexto nas relações entre os alunos, porém as práticas de discriminação

racial persistem no cotidiano escolar. A discriminação racial é percebida pelos alunos em vários contextos sociais das suas relações. No entanto, a consciência da existência do racismo não impede a manifestação do preconceito e discriminação racial entre eles.

As percepções dos alunos sobre as relações raciais e as análises de como eles percebem essas relações passam a ser elementos importantes para apreender sobre os conflitos na escola.

A vivência dos alunos negros com a discriminação racial no espaço escolar

O cabelo foi motivo de muitos relatos de discriminação racial dos alunos durante o grupo focal e nas observações. Eles falavam de cabelo bonito, arrumado e se dirigiam às crianças de cabelo crespo como cabelo ruim, feio, desarrumado. A escola estabelece padrões como o cabelo que, para ser símbolo de beleza, deve ser liso, comprido. É exigido dos alunos um padrão uniforme. Uma das exigências é arrumar o cabelo. Mas o que é cabelo arrumado para a escola?

Na escola, a exigência de “arrumar o cabelo” não é novidade para os alunos e para a sua família. Mas essa exigência, muitas vezes, chega até a família com um sentido muito diferente daquele atribuído pelas mães ao cuidarem dos seus filhos e filhas. Em alguns momentos, o cuidado das mães não consegue evitar que, mesmo apresentando-se bem penteada e arrumada, a criança negra se torna alvo das piadas e apelidos pejorativos no ambiente escolar. (GOMES, 2002, p. 45).

Nas observações, as meninas aparecem como os principais alvos de discriminação por causa do cabelo. Constatei uma situação na escola que me chamou muito a atenção. Essa situação aconteceu durante a entrada da aula. Uma aluna negra chega à escola com os cabelos soltos. Os alunos começaram a rir. Um mostrava para o outro e continuava rindo. A aluna foi para o final da fila. Uma professora comenta com a outra professora e

também ri/sorri. Nos outros dias, percebi que a aluna não soltou mais os cabelos.

O fato de tratamento irônico em relação às crianças negras representa um dado a ser considerado, pois todo comentário realizado no espaço escolar, principalmente diante de outras crianças, poderá ser por elas absorvido e entendido como um comportamento que pode ser reproduzido, visto que suas professoras o fazem. Ofensas e ironias ocultam preconceito latente.

São freqüentes as situações de discriminação ocorridas nos espaços da escola referentes ao cabelo, praticadas por crianças e professores, de maneira direta ou velada.

“... tia, os meninos falam que o meu cabelo é duro, cabelo de repolho.” [Como você se sente] eu fico muito triste, lá em casa minha avó cortou o meu cabelo, eu não queria cortar, mas ela cortou, e todo mundo riu. (aluna do 5º ano, negra).

Os alunos negros, mesmo com os cabelos penteados, são alvos de apelidos pejorativos e piadas no ambiente escolar. “[...] uma coisa é nascer negro, ter cabelo crespo e viver dentro da comunidade negra, outra coisa é ser criança negra, ter cabelo crespo e estar entre brancos” (GOMES, 2000, p. 45).

No espaço escolar, as relações interpessoais e a aprendizagem das crianças negras muitas vezes são prejudicadas devido aos apelidos pejorativos dirigidos a essas crianças pela sua cor ou seu cabelo. “[...] a rejeição do cabelo, muitas vezes, leva a uma sensação de inferioridade e de baixa autoestima” (GOMES, 2002, p. 47).

Fazzi (2004), em sua pesquisa, perguntou a uma menina se ela gostava do seu cabelo, ela disse que não, que ele necessitava de tratamento:

[...] a gente tem que cuidar do nosso cabelo assim ele vai ficar igual ao de qualquer um. A expressão ficar igual ao de qualquer um denuncia a tentativa de igualar o cabelo crespo ao cabelo liso, constituindo este último tipo de cabelo um modelo natural a ser seguido. (Fazzi, 2004, p. 118).

Na realização da entrevista uma aluna fez um depoimento cheio de sentimento de negatividade, de inferioridade sobre si mesma e o seu tipo de cabelo.

[...] tia, eu não gosto do meu cabelo, minha mãe vai alisar. [Porque você não gosta do seu cabelo?] Ele é feio, eu sou feia, minha prima alisou o cabelo dela. Agora o menino não fica rindo dela. Eu quero o meu cabelo liso. (Aluna do 4º ano, negra).

O tipo de cabelo, no contexto desta pesquisa, demonstro ser requisito para ser aceito pelo grupo. As crianças de cabelo liso tinham poder de escolher ou rejeitar quem participava do grupo. O tipo de cabelo era o critério mais utilizado para discriminar e segregar. A sociedade valoriza e padroniza determinadas qualidades e aquelas que fogem a esses padrões geralmente não são aceitas:

Sabemos que em nossa sociedade de maneira geral, as concepções sobre o negro são bastante negativas. Elas dizem respeito à estética, morais e intelectuais. São essas concepções, que ocorrem de maneira difusa em nossa sociedade, que criam todas as maneiras e formas de evitação, de mal estar, de “antipatia” que teimam por penalizar aqueles que não possuem um fenótipo evidentemente branco. (MÜLLER; OLIVEIRA; TEIXEIRA, 2006, p. 14).

As referências negativas aos cabelos dos alunos negros aconteceram em vários momentos no espaço da escola. As alunas negras percebiam e sofriam com a discriminação com relação ao seu cabelo, mas prevalecia o silêncio. Às vezes reclamavam para a diretora, mas nenhum trabalho era realizado; a discriminação continua no espaço escolar.

Diretora, o K. falou que o meu cabelo é de bombril, seco. (aluna negra do 4º ano). Deixa pra lá, vai brincar. (diretora da escola B).

Nas escolas pesquisadas, fazem parte do calendário as datas comemorativas. As salas preparam apresentações com os alunos para acontecerem nos dias marcados e os responsáveis são convidados para assistir. Nas entradas das aulas, também fazem pequenas apresentações com músicas, orações em que cada dia uma sala é responsável. Percebi que

os alunos que estavam nas apresentações eram sempre os mesmos. O que não pude deixar de observar foi que alguns alunos não participavam das apresentações, mesmo levantando a mão indicando que queriam participar. Para Gonçalves (1987, p. 28), “na escola existe um ritual pedagógico que vem reproduzindo a exclusão e, conseqüentemente, a marginalização escolar de crianças e de jovens negros”.

Na ocasião da Páscoa uma cena me chamou a atenção. Durante o ensaio, um aluno não queria pegar na mão de uma aluna negra. Fazia brincadeira fingindo que ia pegar na mão da aluna e soltava. A professora começou a falar para o aluno não fazer isso, que todos deveriam pegar nas mãos dos coleguinhos, que todos são iguais, um tem que respeitar o outro. A aluna saiu do ensaio, a professora continuou e não chamou a aluna para retornar. No dia da apresentação, aquela aluna não apareceu.

Já em outra situação ocorrida no dia das mães, percebi que os alunos negros estavam todos nas últimas filas e à frente estavam os alunos brancos. A escola dispõe de roupas para algumas apresentações e estas estavam com os alunos da frente. Perguntei por que só os da frente estavam com as roupas da apresentação. As professoras disseram que a escola não tem roupa para todos os alunos. Observei que uma aluna se aproximou da professora e pediu para participar dizendo que uma aluna havia faltado.

... tia, deixa participar, eu sei dançar [você não sabe nada, erra tudo]. Deixa, eu nunca danço, a P. faltou [não]. (Aluna negra).

Durante toda a observação, os alunos das apresentações eram sempre os mesmos. A rejeição dos colegas para com os alunos negros e a não percepção dos professores e da diretora reforçavam isso. Segundo Cunha (1987), as crianças negras são impedidas de assumir posições de destaque em festividades e demais eventos na escola:

Ocorre também situação em que a criança é impedida de ocupar posição de destaque por ser negra. É muito freqüente em festas escolares onde, por exemplo, a noiva da dança da quadrilha não pode ser uma menina negra; ou nos enquetes

de teatro, quando os anjos também não podem ser negros (CUNHA, 1987, p. 53).

O que se percebeu é que a escola e os seus profissionais ainda não estão preparados para lidar com as diferenças, ainda trabalham com alunos idealizados.

No recreio, o que pude perceber é que nas “brincadeiras” acontecem muitas discriminações. Alunos negros ficam isolados das brincadeiras, se constroem ao falar dos seus apelidos e tratamentos discriminatórios que enfrentam nas escolas. Os profissionais da escola, inclusive as diretoras, negam que há práticas racistas na instituição. Xingamentos e apelidos são justificados por esses profissionais como “brincadeiras”.

[...] eles fazem muitas brincadeiras nas salas de aula e no recreio, os alunos negros não gostam, ai saem às brigas. E complementou: ... eu não vejo muita discriminação na escola, às vezes tem uma briga por causa de apelidos, ou porque chamou de preto, mas a gente resolve ou às vezes nem interiro, pois logo estão brincando”. (Diretora da escola A).

Segundo Abramovay (2006), mais problemático do que posturas que alimentam o racismo é a miopia social, ou seja, o não reconhecimento que a diferença, a discriminação e o preconceito existem e a falha em considerar brincadeiras, apelidos e tratamentos violentos aos que são negros podem, na prática, significar a produção do racismo.

Durante o recreio, observei que as crianças negras, na sua maioria, brincam com as brancas e são excluídas das brincadeiras das crianças brancas. Quando aceitas, elas não podem escolher ou opinar sobre as brincadeiras. Em alguns momentos, percebi que os alunos negros, para participar da brincadeira, devem dar algo em troca:

[...] dá um pouco de *Skiny* que eu deixo você brincar” (Aluna (branca) da escola B).

[...] deixa ficar com a sua bolacha, eu que mando nesta brincadeira” (Aluna (branca) escola A).

Sobre os conflitos entre alunos negros e brancos na hora do recreio, Santos faz a seguinte observação:

[...] mesmo com essas cenas de conflitos, o recreio não deixa de explicitar uma aparente integração, exprimindo a dualidade das interações raciais. É observável alguns dos alunos anteriormente envolvidos em desavenças, participando do coletivo das brincadeiras durante o recreio, como pega-pega, polícia e ladrão e outras. (SANTOS, 2006, p. 76).

Durante o recreio, foi possível observar várias situações de discriminação. As crianças formavam grupos para brincar, alguns alunos negros ficavam próximos, mas não eram chamados para participar e muitas vezes esses alunos se tornavam motivo das “brincadeiras”.

[...] tia, o V. puxou o meu cabelo (aluna negra) [não importa, ele é bobo, deixa este menino], mas ele não para. [ele está brincando com você.] (escola B).

[...] oh, oh, o P. tomou o meu lanche (aluna negra) [que lanche menina, você não traz lanche] o meu salgadinho [sossega, você não estava com salgadinho nada] vai brincar, come o lanche da escola (escola B).

No ambiente escolar os estereótipos sobre o negro são amplamente difundidos sob brincadeiras. Mesmo os alunos denunciando as práticas de discriminação, as diretoras interpretavam estas atitudes como brincadeiras. As “brincadeiras” naturalizam os preconceitos na escola. Assim a discriminação racial passa a ser minimizada escamoteando o sofrimento dos alunos alvos dessas brincadeiras.

As manifestações depreciativas em relação ao negro estão presentes nas relações entre alunos por meio de apelidos, de xingamentos que muitas vezes constituem instrumentos na propagação do racismo.

Considerações finais

Os relatos dos alunos permitiram entender no movimento das suas relações que estereótipos sobre o negro circulam entre eles por meio de piadas, apelidos entre outros. Nesse sentido, características como a cor,

cabelos, formato dos lábios, nariz dos alunos negros são referências negativas que atuam anulando o negro.

Com relação à percepção dos alunos, evidenciou-se que eles têm consciência de que a discriminação racial existe e que ela vigora tanto no cotidiano escolar quanto fora dele, mas essa preocupação não os impede de práticas e atitudes de preconceito e discriminação, como xingamentos e apelidos de cunho racista como “brincadeiras”.

Os depoimentos dos alunos permitiram perceber que os estereótipos sobre o negro circulam entre eles por meio de piadas, apelidos, entre outros. Desta forma, características como a cor e cabelos dos alunos negros são referenciais negativos que agem anulando o ser negro.

A análise dos dados indica que na percepção dos alunos foi possível verificar que a falta de trabalhos educativos acerca das relações raciais na escola leva muitos alunos negros a serem vitimizados, ocasionando até mesmo a autonegação de sua identidade.

Referências

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam (coord.) **Relações Raciais na escola: reprodução de desigualdade em nome da igualdade.** Brasília: UNESCO, 2006.

CUNHA Jr, Henrique. “A indecisão dos pais face a percepção de discriminação racial na escola pela criança.” **Cadernos de pesquisas Carlos Chagas**, São Paulo, 1987.

D’ ADESKY, J. **Pluralismo Étnico e Multiculturalismo: Racismo e anti-racismo no Brasil.** Rio de Janeiro, 2005.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial das crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?** In: Revista Brasileira de Educação. Campinas: autores associados, 2002, v.21, p.40-51.

_____. “Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade”. In: Cavalleiro, E. (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação: Repensando nossa escola.** São Paulo: Selo Negro, 2001.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. **O silêncio: um ritual pedagógico a favor da discriminação racial como fator de seletividade na escola pública de primeiro grau de 1º a 4ª série,** 1987.

JACCOUD, Luciana Barros e BEGHIN, Nathalie. **Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental/** Luciana de Barros Jaccoud e Nathalie Beghin. Brasília: IPEA, 2002.

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues e Paixão, Lea Pinheiro (orgs.). **Educação diferenças e desigualdades.** Cuiabá: EdUFMT, 2006.

SANTOS, Ângela Maria. **Vozes e silêncio do cotidiano escolar: as relações raciais entre alunos negros e não negros.** Cuiabá: EdUFMT, 2006.

SILVA, Maria Aparecida da. “Formação de educadores/as o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial”. In: Cavalleiro, Eliane. **Racismo e anti-racismo na escola: repensando nossa escola.** São Paulo: Summus, 2001.